



## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: algumas considerações sobre suas concepções

CUENTOS: ALGUNAS CONSIDERACIONES SOBRE SUS CONCEPCIONES

STORYTELLING: some considerations about their conceptions

Andréia de Araújo Santos  
SMED- BA  
anddreiasantos@gmail.com.br  
Rosemary Lapa de Oliveira  
UNEB-BA  
[rloliveira@uneb.br](mailto:rloliveira@uneb.br)

**Resumo:** A contação de histórias (CH) faz parte da vida do ser humano e do seu processo de humanização, na medida em que simboliza a relação do homem com a linguagem e suas formas de representação – entre elas, as pinturas rupestres, os grunhidos e a fala propriamente ditos. Com o passar do tempo, a contação de histórias foi ganhando outros sentidos e outros espaços, conforme o ser humano passou a explorá-los e a ocupá-los. Assim, o objetivo desta investigação foi de saber quais as concepções de contação de histórias emergiam dos trabalhos acadêmico-científicos produzidos nas Ciências Humanas e os aspectos da oralidade que subjaziam a essas concepções. Para a consecução de tal objetivo, foram realizadas uma pesquisa exploratória de base bibliográfica e uma revisão integrativa, com abordagem quanti-qualitativa, para identificar os conceitos de literatura infantil e de contação de histórias, na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Neste trabalho, considera-se que a contação de histórias e a literatura infantil são associadas a uma utilização que precede uma atividade de ensino e ratifica que sua concepção é educativa. Esses resultados possibilitam inferir que, apesar da relevância da contação de histórias, defendida pelos autores que embasaram este estudo, ela ainda é marginalizada, porque se enfatizam a leitura e a escrita em detrimento da oralidade. Destarte, este trabalho contribui para ampliar a discussão sobre a compreensão do espaço que a contação de histórias ocupa na sociedade.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Literatura Infantil. Pesquisa Exploratória.

**Resumen:** El Cuentos es parte de la vida humana y su proceso de humanización, ya que simboliza la relación del hombre con el lenguaje y sus formas de representación, entre ellas, pinturas rupestres, gruñidos y habla ellos mismos. Con el tiempo, la narración del cuentos adquirió nuevos significados y otros espacios, a medida que los seres humanos comenzaron a explorarlos y ocuparlos. Así, el objetivo de esta investigación fue conocer qué concepciones del cuentos surgieron de trabajos académico-científicos producidos en las Ciencias Humanas y los aspectos de la oralidad que subyacen a estas concepciones. Para lograr este objetivo, se realizó una investigación bibliográfica exploratoria es una revisión integrativa, con acercamiento quanti-qualitativa, identificar los conceptos de literatura infantil y cuentos, en la base de datos de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Nivel Superior. En este trabajo se considera que la narración y la literatura infantil se asocian a un uso que antecede a una actividad docente y confirma que su concepción es educativa. Estos resultados permiten inferir que, a pesar de la relevancia de la narración, defendida por los autores que apoyaron este estudio, sigue estando marginada, pues se enfatiza la lectura y la escritura



en detrimento de la oralidad. Así, este trabajo contribuye a ampliar la discusión sobre la comprensión del espacio que ocupa el storytelling en la sociedad.

**Palabras clave:** Formación de profesores. Literatura infantil. Investigación exploratoria.

**Abstract:** Storytelling is part of human life and its humanization process, as it symbolizes the relationship of man with language and its forms of representation - among them, cave paintings, grunts and speaks properly. As time went by, storytelling gained other meanings and other spaces, as the human being began to explore and occupy them. Thus, the present investigation aimed to identify which conceptions of storytelling emerged from scientific-academic works produced in the Humanities, in addition to identifying which aspects of orality underlie these conceptions. To achieve this goal, an exploratory bibliographic research and an integrative review, with a quantitative and qualitative approach, were carried out to identify the concepts of children's literature and storytelling, in the database of the Coordination for the Improvement of Personnel of Higher Level. This work considers that storytelling and children's literature are associated with a use that precedes a teaching activity, confirming its conception as being educational. These results make it possible to infer that, despite the relevance of storytelling, defended by the authors who supported this study, it is clear that there is still a marginalization of storytelling, as reading and writing are emphasized at the expense of orality. Thus, the present work contributes to the expansion of the discussion about the understanding of the space that storytelling occupies in society.

**Keywords:** Teacher training. Children's literature. Exploratory research.

## Introdução

A contação de histórias (CH) faz parte da vida do ser humano e do seu processo de humanização, porque simboliza a relação do homem com a linguagem e suas formas de representação, como as pinturas rupestres, os grunhidos e a fala propriamente ditos. A CH foi difundindo hábitos, costumes e vivências comuns a grupos sociais, e a humanidade foi se relacionando e elaborando sua cultura. Com o passar dos tempos, a CH foi ganhando outros sentidos e outros espaços, conforme o ser humano passou a explorá-los e a ocupá-los.

Entre esses espaços, referencia-se a escola como um local em que se fazem dinâmicas e interações educativas. Ao observar as práticas docentes da CH, é possível notar sua utilização como um recurso para entreter ou ensinar algum conteúdo, por entender que essa é uma estratégia que contribui para o envolvimento dos discentes nos assuntos abordados nas aulas.

Entretanto, considerando que não há restrição ou delimitação para a prática da CH e a forma de concebê-la, o objetivo desta investigação foi de saber quais concepções de contações de histórias emergiam dos trabalhos acadêmico-científicos produzidos nas Ciências Humanas e os aspectos da oralidade que subjaziam a essas concepções. A pesquisa foi importante devido à possibilidade de conhecer as diferentes concepções de CH



e as possíveis contribuições dessa prática para a educação formal.

No que diz respeito à estrutura, este artigo foi dividido em quatro seções. Na primeira - a Introdução – apresentam-se a subseção ‘Trajetória metodológica’, o objetivo do estudo, o conceito de CH e os procedimentos metodológicos desenvolvidos para a realização da pesquisa; na segunda - Contação de histórias e suas concepções – discute-se sobre as concepções de contação de histórias como uma prática pedagógica, de entretenimento e terapêutica, entre outras. Por entender a relação entre a CHs, literatura infantil e oralidade, esses conceitos são apresentados em sequência, na subseção, ‘Concepções de literatura infantil’, em que são apresentadas algumas ideias sobre literatura infantil, e na subseção ‘Aspectos da oralidade na contação de histórias’ – em que discute-se a respeito da função da oralidade na formação humana e na difusão da cultura. Na terceira seção - Análise e discussão dos resultados - apresentam-se os dados levantados e sistematizados da pesquisa; por fim, na quarta seção - Considerações finais – enfatiza-se a visão marginalizada que se tem da contação de histórias, pois ainda há prevalência da leitura e da escrita em detrimento da oralidade. Destarte, este trabalho poderá contribuir para ampliar a discussão sobre a compreensão do espaço que a contação de história ocupa na sociedade.

### **Trajetória metodológica**

O estudo desenvolvido foi uma pesquisa exploratória de base bibliográfica, ancorada, essencialmente, nas ideias preconizadas por Sisto (2012) e amparada nas discussões de outros autores, como Adruetto (2012) e Meirelles (2016). As pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipótese” (GIL, 1995, p. 45).

Ademais, foi realizada uma revisão integrativa, porquanto “determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, a analisar e a sintetizar os resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto” (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010, p. 103). A revisão integrativa possibilitou identificar as concepções de contação de histórias e foi organizada em seis etapas, a saber:

A 1ª etapa é a de elaboração da pergunta norteadora do estudo - “a definição da pergunta norteadora é a fase mais importante da revisão, pois determina quais serão os estudos incluídos, os meios adotados para a identificação e as informações coletadas de cada estudo selecionado” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). Assim, a pergunta norteadora delineada foi: Quais as concepções de contação de histórias e de literatura infantil são abordadas nas Ciências Humanas?



A 2ª etapa é a de busca ou amostragem na literatura e está “intrinsecamente relacionada à fase anterior, [pois] a busca em base de dados deve ser ampla e diversificada, contemplando a procura em bases eletrônicas” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). A pesquisa foi realizada no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Portal de Periódicos - por ser vinculado ao Ministério da Educação (MEC), órgão que gerencia a política educacional brasileira. “A determinação dos critérios deve ser realizada em concordância com a pergunta norteadora, considerando os participantes, a intervenção e os resultados de interesse” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). Para isso, foram estabelecidos os seguintes critérios de busca: 1) os artigos científicos nacionais avaliados por pares<sup>1</sup> e publicados em língua portuguesa; 2) os não duplicados; e 3) os que tivessem o descritor contação de histórias nos campos: assunto, título, resumo e palavras-chave.

A sistematização dessas informações contribui para a realização da 3ª etapa – a de coleta dos dados - pois, “para extrair os dados dos artigos selecionados, faz-se necessária a utilização de um instrumento previamente elaborado capaz de assegurar que a totalidade dos dados relevantes seja extraída” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). Nesse sentido, foi elaborado um formulário de coleta de informação contendo os seguintes dados: i) título do artigo; ii) nome do autor (es); iii) tipo de publicação; iv) ano de publicação; v) resumo - um campo destinado à elaboração das informações para detalhar o conteúdo dos artigos; vi) área de avaliação dos periódicos – para determinar qual a predominância da área de conhecimento; vii) área geográfica do periódico; ix) área geográfica de uma aplicabilidade prática e x) concepção de contação de histórias.

A 4ª etapa – a de análise crítica dos estudos incluídos - é “análoga à análise dos dados das pesquisas convencionais e demanda uma abordagem organizada para ponderar o rigor e as características de cada estudo” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). A análise dos artigos que compuseram o corpus deste estudo foi realizada considerando-se os conceitos e os autores de referência na discussão sobre a contação de histórias e a literatura infantil.

No que concerne à 5ª etapa – a de discussão dos resultados - é realizada “[...] a partir da interpretação e da síntese dos resultados, em que se comparam os dados evidenciados na análise dos artigos ao referencial teórico” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). Nessa perspectiva, a discussão dos resultados foi pautada na 3ª etapa: a de coleta dos dados

---

<sup>1</sup> É a avaliação de resultados de pesquisa ou propostas de projetos quanto à competência, à significância e à originalidade conduzida por especialistas qualificados que pesquisam e submetem para publicação trabalhos da mesma área (pares) (NASSI-CALÓ, 2020).



- e as informações que foram registradas sobre cada um dos artigos que compõem o corpus foram correlacionadas ao referencial teórico utilizado. “Além de identificar possíveis lacunas do conhecimento, é possível delimitar prioridades para estudos futuros” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). Em relação a isso, as lacunas identificadas a partir desta pesquisa foram realçadas nas considerações finais, sinalizando possíveis futuras agendas de investigações nas Ciências Humanas, sobretudo, na área da Educação.

Por fim, a 6ª etapa - de apresentação da revisão integrativa - diz respeito “à apresentação da revisão [que] deve ser clara e completa para permitir ao leitor avaliar criticamente os resultados. Deve conter, então, informações pertinentes e detalhadas” (SOUZA; SILVA, CARVALHO, 2010, p. 104). O detalhamento das informações foi organizado tendo em vista as concepções de contação de histórias e de literatura infantil identificadas nos artigos analisados. Os dados receberam uma abordagem quanti-qualitativa, um “método que associa a análise estatística à investigação dos significados das relações humanas, privilegiando a melhor compreensão do tema a ser estudado e facilitando a interpretação dos dados obtidos” (FIGUEIREDO, 2008, p. 97). Os dados foram apresentados e discutidos com a utilização de quadros para apresentar as informações estatísticas.

### **Contação de histórias e suas concepções**

Contar histórias é uma atividade que só é possível porque faz com que se mobilizem recursos que são exclusivamente humanos, como imaginar, criar e memorizar, além de emocionar, e acaba sendo tão familiar ao ser humano que se confunde com nossa própria história de humanização:

Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros, sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social e cósmica (FARIAS, 2001, p. 19).

Ao longo do tempo, depois dessa função inicial, a CH continuou fazendo parte das vivências sociais e ganhou outros espaços e possibilidades para além do enquadramento e das funções sociais. Essas diferentes funções, objetivos ou concepções são mencionados por Sisto (2012), quando define o papel da CHs e a coaduna com os conceitos dos demais autores que são apresentados neste trabalho:

Contar histórias é dialogar em várias direções: na Arte, na do outro, na nossa! Os objetivos podem mudar – recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é interagir – podem se alternar, mas nunca acabar com o prazer de escutar! De participar! De criar junto! (SISTO, 2012, p. 86-87).



A CH, como prática educativa, confunde-se com a história da literatura infantil brasileira. A princípio, foi com essa função que essa literatura foi pensada, com o objetivo de ensinar conteúdos. Talvez, por isso, seja mais comum constatar a utilização da CH como preâmbulo para uma atividade pedagógica em instituições educativas, especialmente nas escolas, ou, ainda, associar a CH à necessidade de despertar o prazer e o gosto pela leitura em crianças. Essa perspectiva é destacada por Mota (2011), que compreende a CH como entretenimento para crianças que só conhecem a casa e a escola.

Essas concepções - de prazer, gosto e entretenimento - refletem o uso utilitário da CHs. Matos (2014) reconhece, a partir dos relatos de contadores de histórias e apresentados por ela, que sua ação educativa tem um papel mais importante, que perpassa, inclusive, definir um modelo de educação:

[...] educação cujo objetivo é formar o ser humano para que ele possa estar em harmonia consigo mesmo, com seu meio ambiente e com seus semelhantes. É em sua dimensão formativa que a educação pode encontrar na força dessa 'palavra' um recurso poderoso (MATOS, 2014, p. 173).

Esse modelo de educação parece encontrar eco em outra concepção da CH: uma perspectiva intersubjetiva, como reafirmação da condição humana, pela relação entre sujeitos através da linguagem. Sobre isso, Villarta-Neder e Ferreira (2019) afirmam:

[...] contar algo é sempre uma expressão de uma visão, mas inevitavelmente, uma expressão para o outro, uma expressão sobre si, um exercício de nos vermos outros, como outros, pelos outros, nos outros (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2019, p.147).

A CH também é concebida como uma perspectiva terapêutica, ou seja, como uma possibilidade de dialogar com as crianças sobre seus sentimentos. Segundo essa abordagem, a criança ainda não tem elementos para saber expressar seus sentimentos ou traduzi-los para que um adulto entenda e desconhece como conviver com eles. Sunderland (2005) defende que a contação de histórias é o melhor mecanismo para acessar esses sentimentos, visto que as histórias são como os sonhos, uma sequência de imagens que são projetadas mentalmente. Nessa concepção, a CH possibilitaria uma profundidade de expressão e de compreensão que se configuram no domínio da imaginação.

Em síntese, essas concepções da CH reafirmam sua relevância e justifica-se por duas razões, segundo Farias (2001, p. 21):

A primeira é que, quando as ouvimos, despertamos para situações que não tínhamos pensado antes. Dessa forma, ampliamos nossos conhecimentos, o que nos permite rever e reelaborar alguns valores. A segunda é que as histórias mantêm sempre aceso o farol da imaginação, da criatividade, da curiosidade, da ludicidade.



Há, ainda, duas outras perspectivas de CHs, que se configuram como fundantes e dizem respeito à maneira de relacionar e de conhecer a existência humana: são as perspectivas indígena e africana. Na perspectiva indígena, o contador de histórias desempenha um papel social e tem um *status* de guardião da sabedoria. É praticada pelos mais velhos, que assumem esse posto de respeito. Segundo Munduruku (2015), eles o fazem porque as histórias que contam são parte dele, dão sentido a sua existência e explicam aos mais jovens o sentido da existência humana. Na perspectiva africana, da contação de história, apresentada por Hampatê Bá (2010),

a palavra falada se empossava além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositados. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência (HAMPATÊ BÁ, 2010, p. 169).

Pode-se afirmar que as razões que justificam a relevância da CH reforçam, não por acaso, o papel e as características da literatura infantil, porquanto a aproximação com a literatura se dá na infância, e a via de acesso é apoiando-se nas imagens e no oral. Reside, nesse ponto, a relação entre a literatura infantil e a CH como materialização da literatura.

A seguir, discute-se sobre as concepções de literatura infantil e os aspectos da oralidade que justificam a relevância da CH e sua prática. É importante ressaltar que não é objetivo deste trabalho fazer uma historicização sobre a gênese da literatura infantil mundial e a brasileira, mas reconhecer que essa construção tem um ponto de partida e que esses fatos trouxeram implicações para o ponto de vista que aqui está sendo defendido.

### **Concepções de literatura infantil**

A percepção da criança como sujeito diferenciado do adulto, a partir do Século XVII, trouxe algumas implicações para as relações sociais e repercutiu na definição de uma produção específica para ela. No Brasil, essas implicações se consagraram depois do advento da imprensa no ano de 1808 e foram mais características a partir do final do Século XIX.

Inicialmente, a história da literatura infantil brasileira confundiu-se com a função educativa da escola. Seus textos traziam esse conteúdo de valor moral e eram voltados para a escola. Desse modo, a literatura atendia a um modelo de ser humano de determinada época, difundido por meio da escola. Essa perspectiva pedagógica da literatura infantil é bem sintetizada e definida por Coelho (1981, p. 23):



[...] se analisarmos as grandes obras que através dos tempos se impuseram como “literatura infantil”, veremos que pertencem simultaneamente a essas duas áreas distintas (embora limítrofes e as mais das vezes, interdependentes) a da Arte e da Pedagogia. Sobre esse aspecto, podemos dizer que como ‘objeto’ que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo “modifica” a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura infantil é Arte. Por outro lado, como ‘instrumento’ manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da Pedagogia.

Apesar de compreender essa realidade, essas discussões estão apoiadas em Adruetto (2012) e Meirelles (2016), que constata o uso que se faz da literatura infantil como categoria informativa e não, estética, e são contrários à sua adaptação a um destinatário específico ou atrelar à literatura infantil a possibilidade de discutir sobre conteúdos, por exemplo. Esse foi o conceito norteador de todo o trabalho e encontra ressonância nas ideias de Sisto (2012, p. 81) sobre a consideração dos aspectos estéticos e da qualidade das produções:

Preferimos pensar que a literatura, como arte da linguagem, não pode abrir mão dos elementos formais e estéticos. Essa literatura – que se quer só literatura – para toda e qualquer idade! Os elementos que fazem um livro poder ser lido por uma criança não podem nem devem afastá-lo do público adulto e, assim, propiciar a criação de uma série de rótulos literários.

A defesa da literatura e o que a constitui como tal - seus aspectos estéticos - justificam a permanência das histórias ao longo do tempo. Para Coelho (1981), isso se deve ao fato de as histórias, independentemente do tempo em que foram construídas, continuarem tendo o que comunicar aos que têm contato com elas. O mesmo defende Bedran (2012) sobre os mecanismos de atuação das histórias na humanidade e acrescenta que, apesar de os contadores de histórias contemporâneos utilizarem recursos além da palavra, são as características ancestrais das histórias que as tornam tão valiosas. Esses autores sintetizaram o pensamento de que a literatura infantil só deveria ter esse termo vinculado para efeito de categoria, de localização, e não, como critério a definir o tipo de conteúdo que esses textos devem tratar. Apesar disso, reconhece-se que, mais uma vez, ao longo da história da literatura infantil, utilizou-se o nível de desenvolvimento do ser humano e transpuseram-se os estudos da Psicologia para definir assuntos a serem tratados de acordo com cada faixa etária e a produção de textos pensando nesse público.

Na atualidade, o rol de critérios para definir um texto como literatura infantil inclui outros aspectos que são definidos pela lógica de mercado, conforme esclarece Adruetto (2012, p. 58):

O imperativo único da rentabilidade fornece as pautas que um livro deve seguir para que tanto o escritor como o leitor/consumidor se adequem a elas. Assim, se quiser vender muito, um livro deve ser definido antecipadamente para que nada escape ao planejamento e ao controle (sempre na linha do que vende bem, do que se supõe que funcionará por que já foi aprovado no mercado, assimilando a leitura - cuja experiência é tão pessoal – a outros produtos de consumo massivo).



Considerando o critério estabelecido, a atenção do ser humano volta-se para o que sugere Meirelles (2016), ao dizer que não se deveria definir uma literatura infantil a priori, mas a posteriori. Então, se valem as opiniões, defende-se que seja considerado o que os leitores dizem sobre os livros e suas experiências leitoras, e não, a categorização por editoras, por exemplo (SANTOS, 2008)<sup>2</sup>.

### **Aspectos da oralidade na contação de histórias**

No Brasil, o advento da imprensa e a universalização de acesso à escola, além de implicar uma concepção de literatura vinculada a uma ação educativa, como mencionado anteriormente, trouxeram como implicações a vinculação da definição dessa literatura com o que pode ser lido. Isso fez com que as produções culturais só fossem consideradas quando impressas.

Assim, a oralidade, que antes tinha um vasto campo de disseminação - através das práticas narrativas - até o Século XIX, e era a via de acesso da população a bens culturais - ficou alijada como ferramenta de diferenciação social, e a competência em leitura passou a ser fundamental. Apesar disso, sua resistência é notória, haja vista sua permanência ainda hoje, e sua retomada por volta dos anos 1990. Santos (2018) refere, e Yunes (2015) ratifica que “a palavra, antes de ser escrita, foi desenho, foi sonoridade, e é daí que trazemos representações que podem ser traduzidas pelo verbo. Daí a importância inesgotável da oralidade” (YUNES, 2015, p. 48).

Esse aspecto se amplia e considera a relevância da oralidade como construção da subjetividade humana e da noção que se tem de mundo, quando se percebe que “cada um de nós reinaugura o mundo quando entra no mundo e o faz pela linguagem. Ou seja, aquilo que cada um pode dizer é efetivamente uma reconfiguração de mundo na linguagem” (YUNES, 2015, p. 44). Essa ideia é corroborada por Villarta-Neder e Ferreira (2019), ao afirmarem que, quando contam histórias, os indivíduos se fazem presentes no mundo e na consciência do outro.

Seguindo esse pensamento, retoma-se a discussão sobre as perspectivas indígena e africana de oralidade. Nessas perspectivas, a oralidade funciona como um mecanismo que associa o espiritual e o material e traz a relevância dada às pessoas que contam as histórias. O papel que os contadores - que não são assim vistos - desempenham nessas sociedades é

---

<sup>2</sup> Monografia apresentada para conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no ano de 2008. Não publicada.



fundamental. Na sociedade indígena, por exemplo, o papel atribuído ao avô é sobremaneira importante:

O avô coloca dentro da gente aquilo que somos de fato. E ele vai fazendo isso por meio das histórias. Ele conta as histórias da origem das coisas. Ele diz de onde viemos, para onde vamos, como a gente se realiza neste mundo. Isso é alimentar o espírito (MUNDURUKU, 2015, p. 121).

Na sociedade dos povos africanos, a concepção de oralidade destaca o aspecto mágico e o espiritual da palavra. Seu poder criador, segundo Hampatê Bá (2010), é o de ser capaz de manter ou de romper com a harmonia no homem e no mundo e a relevância de quem professa a palavra. Portanto,

quando um velho conta uma história iniciatória em uma assembleia, desenvolve-lhe o simbolismo de acordo com a natureza e capacidade de compreensão de seu auditório. Ele pode fazer dela simples história infantil com fundamento moral educativo ou uma fecunda lição sobre os mistérios da natureza humana e da relação do homem com os mundos invisíveis. Cada um retém e compreende conforme sua capacidade (HAMPATÊ BÁ, 2010, p. 201).

### Análise e discussão dos resultados

Como apresentado na seção ‘Trajetória metodológica’, a pesquisa foi realizada no *sítio* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Portal de Periódicos, por ser vinculado ao Ministério da Educação (MEC), órgão que gerencia a política educacional brasileira. Para isso, foram utilizados os seguintes critérios de seleção para a busca: 1) os artigos científicos nacionais avaliados por pares, publicados em língua portuguesa; 2) os não duplicados; e 3) a utilização do descritor “contação de histórias” nos campos: assunto, título e resumo.

O universo identificado foi de 54 (cinquenta e quatro) artigos, e o *corpus* de análise foi de 26 (vinte e seis), conforme a descrição abaixo:

Quadro 1 – Critérios para formação de *corpus*

Fonte de dados	Critérios de exclusão	Unidades de análise	Revisão integrativa
Artigos de periódicos nacionais sobre contação de histórias.	Artigos duplicados (n=1); Relato de pesquisa (n=3); Relato de experiência (n=5) Artigo em publicação internacional (n=1); Resenha de livros(n=3); Ensaio (n=1) Resumo(n=2) Ponto de vista (n=1) Descritor em locais diferentes (n=3) Somente menciona descritor (n=4) Dossiê (n=2) Anais (n=2).	Concepção de contação de histórias, localização geográfica dos periódicos, área de avaliação do periódico.	Universo da pesquisa: 54 artigos <i>Corpus</i> : 26 artigos

Fonte: Adaptado de Hayashi; Gonçalves (2018)



O descritor contação de histórias estava presente nos artigos pesquisados, com expressão completa ou através de sinônimos como contar, contando e, por isso, também foram considerados. Assim, considerou-se relevante para as discussões localizar o descritor contação de histórias ou palavras similares, como mostra o Quadro 2, e sua referência implícita ou explícita<sup>3</sup> nos artigos. Pode-se inferir que apenas a palavra-chave não é um elemento representativo nas discussões explícitas. Ao mesmo tempo, observou-se que o descritor resumo é mais relevante para as discussões explícitas sobre CH, presente em 20 artigos, além de, evidentemente, ratificar que a presença em todos os descritores do artigo representa a maioria absoluta das discussões explícitas identificadas em 12 artigos.

Quadro 2 - Referência à concepção de contação

Termo	Referência a concepção			Total de artigos
	Explícito	Implícito	Não apresenta	
Título, resumo e palavras-chave	12			12
Resumo	4			4
Título	2	1		3
Título e resumo	2	1		3
Resumo e palavra-chave	2			2
Palavra-chave			1	1
Título e palavra-chave	1			1
Total de artigos	23	2	1	26

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Nos artigos em que a palavra contação de histórias apareceu apenas no título (n=1), no título e no resumo (n=1) e nas palavras-chave (n=1), notou-se que ou a concepção de história estava implícita ou não se expressava essa concepção.

O artigo ‘Contação de histórias na Biblioteca Barca dos Livros: um projeto no âmbito da literatura em língua estrangeira’, apresenta a contação de história numa perspectiva educativa, embora não explícita, pois a trouxe como estratégia de ensino de literatura alemã para a produção de sentidos de maneira que “o estudante, de fato, passa a contar a história à sua maneira muito própria e conquista uma espontaneidade no tratamento do texto literário de língua estrangeira” (BARBOSA, 2012, p. 49).

Já no artigo, ‘Contando estórias e inventando metodologias para discutir sobre a

<sup>3</sup> Considerou-se como referência explícita aquela em que os autores definiram suas concepções de contação de história no próprio texto ou foi possível apreender pelas afirmações sobre contação de histórias, e implícita, a que só foi possível com o uso da prática de contação.



violência contra as mulheres’, a contação de histórias é apresentada, embora não explícita, numa perspectiva terapêutica, como uma metodologia alternativa, que “pode fundar dispositivos de resistência sobre questões importantes para o campo da Psicologia” (OLIVEIRA, 2014, p.197).

No artigo ‘Era uma vez, um, dois, três: estudos sobre como a literatura infantil pode auxiliar no ensino da construção do conceito de número’, embora se defina contação de histórias como palavra-chave e a mencione diversas vezes durante a discussão, não apresenta sua concepção de contação de histórias. Para a autora desse artigo, a linguagem literária é diferente da do cotidiano e é uma possibilidade de enriquecer o vocabulário. Citando outra autora, é importante “ler a história para a criança, e não, contá-la” (MONTITO, 2020, pag.164). Assim, todas as vezes em que a autora menciona contação de histórias, refere-se à leitura de histórias. Nesta análise, considerou-se como concepção de contação de histórias defendida pelo artigo estudado a que se apresentou de maneira preponderante nas discussões, mesmo que não estivesse explícita, mas possível de apreender.

De acordo com o Quadro 3, a concepção de contação de histórias preponderante foi a educativa – o que confirma a hipótese inicialmente apresentada - seguida da terapêutica.

Quadro 3 - Concepção de contação de histórias

Concepção	Total de artigos
Educativa	9
Terapêutica	7
Entretenimento	3
Intersubjetividade	2
Incentivo à leitura	2
<i>Performance</i>	2
Existência humana	1
Total de artigos	26

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Outro dado que merece destaque foi a identificação da concepção de contação de histórias como *performance* em dois artigos. Em ‘Pequenas resistências: contação de histórias, *performance* e protagonismo infantil na escola’, Icle e Bonatto (2017) apresentam a *performance* como um exercício de ritualização de comportamentos, como a possibilidade de romper com essas repetições e “de ação, crítica e transformação presentes na vida cotidiana” (HARTMAN, 2019, p. 21). Já no artigo ‘Negros pingos nos “is”: *djeli* na África



ocidental; grão como transcrição e oralidade como um possível pilar da cena negra', Santos apresenta a contação de histórias na perspectiva da *performance* da oralidade, pontua algumas diferenças entre contação e teatro e afirma: “Nos limites da contação de histórias e do teatro, acredito que as duas artes sejam complementares, senão muito parecidas” (2020, p. 161).

A concepção de contação de histórias também foi vinculada a práticas pedagógicas, principalmente de ensino de leitura, ou espaços educativos, mas com o objetivo de ensinar algum conteúdo. Nesse contexto, procedeu-se à análise da área de avaliação dos periódicos, representada no Quadro 4, a fim de investigar sua representatividade. A resposta foi a área da Educação e da Psicologia como predominantes, reafirmando a concentração de trabalhos sobre as perspectivas educativa e terapêutica.

Quadro 4 - Área de avaliação dos periódicos

Área de avaliação	Total de artigos
Educação, Ensino, Psicologia	19
Educação	2
Educação e Filosofia	2
Educação e ensino	1
Ciências Biológicas	1
Linguística, literatura e artes	1
Total de artigos	26

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

No que diz respeito à área geográfica de publicação, exposta no Quadro 5, notou-se que a Região Sul tem maior representatividade, seguida das Regiões Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste.

Quadro 5 - Representatividade por área geográfica

Região	Total de artigos
Sul	14
Sudeste	8
Centro-oeste	2
Nordeste	1
Norte	1
Total de artigos	26

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Neste item, observou-se que, na maioria dos artigos (n=14), as discussões versavam



sobre a análise de atividades práticas de contação de histórias. No que diz respeito à área geográfica dessa prática, os resultados foram estes: a Região Sul teve a maior representatividade (n=6); em seguida, vieram a Região Sudeste (n=3), a Nordeste (n=2) e, por fim, as Regiões Centro-oeste e Norte (n=1) e Outro (n=1). Esta última referiu-se à prática de contação em uma escola, o Centro de Educação Nossa Senhora da Boa viagem, cuja localização não foi possível identificar.

Embora a proposta deste artigo fosse de abordar as concepções de literatura infantil e de oralidade, as discussões sobre esses dois aspectos ainda são incipientes nos artigos, o que significa que são necessários estudos futuros para preencher essa lacuna.

### **Considerações finais**

O objetivo desta investigação foi de saber quais as concepções de contação de histórias emergiam dos trabalhos acadêmico-científicos produzidos nas Ciências Humanas e os aspectos da oralidade que subjaziam dessas concepções. Os resultados demonstraram que a prática de contação de histórias está presente na atualidade, em diferentes espaços, e inúmeras são suas possibilidades. Porém ainda está vinculada mais fortemente às práticas educativas, embora também se configure como prática terapêutica.

Essa constatação ratifica que, além da importância dos espaços educativos, a contação de histórias é vinculada a uma atividade posterior, que a aborda como uma atividade meio para alcançar determinado objetivo. Esses resultados possibilitam supor que, apesar de sua relevância, defendida pelos autores utilizados como referência neste estudo, a contação de histórias é marginalizada. Nesse processo, prevalecem a leitura e a escrita.

Outro aspecto relevante desta análise foi a constatação de que a publicização das pesquisas sobre a contação de histórias concentra-se no Sul do país, assim como as que retratam práticas de contação. Portanto, convém indagar quais as razões para que, no Nordeste, a contação de histórias tenha uma representatividade incipiente, já que é uma região do país com o maior índice de analfabetismo<sup>4</sup> (13,9%) e em que, por extensão, são fundamentais práticas de contação de histórias que reafirmem e valorizem os conhecimentos dos iletrados.

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em 26 ago 2020.



Ainda sobre a publicização de práticas de contação de histórias, elas não são consideradas relevantes para os que a produzem - a ponto de não se converterem em publicização, pois, de algum modo, pode estar associada a uma prática de cultura iletrada e que não é tão relevante quanto a escrita, por exemplo. Essas foram apenas algumas das suposições e indagações não esclarecidas nesta discussão, mas que são muito importantes para ampliar a compreensão do espaço que a contação de histórias ocupa na sociedade.

## Referências

- ADRUETTO, Maria Tereza. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova fronteira 2012.
- COELHO, Nely Novaes. **A literatura infantil**: história, teoria análise das origens orientais ao Brasil de hoje. São Paulo, INL, 1981.
- FARIAS, Carlos Aldemir. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In: PRIETO, Benita (org.) **Contadores de Histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: s. ed., 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1995.
- HAMPATÊ BÁ, Amadou. **A tradição viva**. In: História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África. P. 167-212. Editado por Joseph Ki-Zerbo, 2ª Ed. Brasília: UNESCO, 2010. Acesso: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>
- HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; GONÇALVES, Taísa Grasiela Gomes **Liduenha**. Estudo Bibliométrico dos Balanços da Produção Científica em Educação Especial na Revista Brasileira de Educação Especial (1999-2017). Revista Brasileira de Educação Especial, Bauru, v. 24, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382018000500135&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000500135&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 28 jul. 2020.
- ICLE, Gilberto; BONATTO, Mônica Torres. Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 7-28, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622017000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622017000100007&script=sci_abstract&tlng=pt) DOI: <https://doi.org/10.1590/cc0101-32622017168674>. Acesso em: 01 ago. 2020.
- MATOS, Gislayne Avelar. Qual educação? In: **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- MEIRELLES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 4 ed. São Paulo: Global, 2016



MOTA, Almir. Da boca da noite para a acolhida na escola. In: PRIETO, Benita. (org.) **Contadores de Histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: s. ed., 2011.

MONTOITO, Rafael; CUNHA, Aline Vieira. Era uma vez, um, dois, três: estudos sobre como a literatura infantil pode auxiliar no ensino da construção do conceito de número. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 22, n. 1, jan. 2020. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/emp/article/view/43602>. Acesso em: 28 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2020v22i1p160-184>.

MUNDURUKU, Daniel Contar histórias e tradição indígena. In: MEDEIROS, F. H. N.; VEIGA, M. B. V.; MORAES, T. M. R. (org.). **Contar histórias**: uns passarão e outros passarinhos. Joinville: Editora Univille, 2015.

NASSI-CALÓ, Lilian. Avaliação por pares: ruim com ela, pior sem ela. **SciELO**, São Paulo, abr., 2017. Disponível em: [https://blog.scielo.org/blog/2015/04/17/avaliacao-por-pares-ruim-com-ela-pior-sem-ela/#.Xs\\_xLipKjIU](https://blog.scielo.org/blog/2015/04/17/avaliacao-por-pares-ruim-com-ela-pior-sem-ela/#.Xs_xLipKjIU). Acesso em: 28 mai. 2020.

OLIVEIRA, Erika Cecília Soares. Contando estórias e inventando metodologias para discutir a violência contra as mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 195-214, abr. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2014000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000100011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000100011>.

SANTOS, Andreia de Araújo. **Literatura infantil**: critérios para composição de acervo. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SANTOS, Luciene Santos; APOEMA, Keu; ARAPIRACA, Mary de Andrade. **Contação de histórias: seguindo o curso de suas águas**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

SANTOS, Toni Edson Costa. Negros pingos nos "is": djeli na África ocidental; griô como transcrição; e oralidade como um possível pilar da cena negra. **Urdimento**, Santa Catarina, v. 1, n. 24, p. 157 - 173, jul. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101242015157/4489>. Acesso em: 28 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5965/1414573101242015157>.  
SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Marcela Tavares; SILVA, Michelly Dias da.; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa o que é e como fazer. Einstein, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan./mar. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-45082010000100102&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 28 jul. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias para crianças, pelas crianças**. São Paulo: Cultrix, 2005.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; FERREIRA, Helena Maria. Contar para o outro é falar de si: intersubjetividade e ato responsável na vídeo animação bridge. In: GOULART, Ilsa do



Carmo Vieira.; LOBO, Dalva de Souza. (org). **Os encantadores de histórias:** sobre práticas orais, memórias e arte narrativa. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

YUNES, Eliena. Da interface às interações entre oralidade e leitura. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taiza Mara Rauen. (orgs). **Contar histórias:** uns passarão e outros passarinho. Joinville-SC: Editora Univille, 2015.

Recebido em: 30/08/2020

Aceito em: 25/05/2021